

PEPETELA. **Predadores**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008, 545 p.

Donizeth Aparecido dos Santos

Predadores, romance do escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, conhecido no mundo literário por Pepetela, lançado no Brasil no primeiro semestre de 2008¹, pela Editora Língua Geral, parece mesmo ser o ponto final de um longo ciclo de romances em que o autor tinha por objetivo o questionamento da realidade sociopolítica angolana, abordando tanto o período colonial quanto o pós-independência, a julgar pelos romances publicados posteriormente em Portugal pelas Publicações Dom Quixote, *O terrorista de Berkeley, Califórnia* (2007) e *O quase fim do mundo* (2008), ainda inéditos no Brasil, nos quais Pepetela deixa o espaço angolano e envereda-se por outras temáticas e paragens, confirmando a sua declaração publicada no site *Angola Digital*², em 2005, na qual revelava que após ter concluído *Predadores* sentiu vontade de beber champanhe por saber que estava encerrando um ciclo, pois esse romance e todas as suas obras anteriores têm o espaço geográfico angolano como cenário e a preocupação com a realidade e o futuro da nação angolana como temática.

Pepetela participou ativamente da guerra angolana contra o colonialismo português e fez parte da equipe do primeiro governo angolano depois da independência, ocorrida em novembro de 1975, e suas primeiras obras escritas³ refletem esse engajamento em prol da construção da nação angolana. Com os desvios que o projeto revolucionário sofreu na primeira década de governo, o autor, decepcionado com os rumos que Angola ia tomando, deixa o seu cargo de vice-ministro da Educação e passa a fazer uma crítica feroz aos

¹ Em Portugal, o romance foi lançado em 2005 pelas Publicações Dom Quixote.

² Disponível em: <http://www.angoladigital.net/artecultura>.

³ Algumas de suas obras foram escritas no período da guerra de libertação nacional, nas décadas de 60 e 70, e publicadas somente após a independência.

detentores do poder e a todos aqueles que se beneficiavam dele. Podemos, tranquilamente, identificar esse momento de ruptura com a publicação do romance *A geração da utopia*, em 1992. Depois dessa obra, a crítica ao regime angolano foi uma constante, mesmo em seus romances policiais paródicos (*Jaime Bunda, agente secreto*, 2001, e *Jaime Bunda e a morte do americano*, 2003) ela estava presente.

Agora em *Predadores* o autor retoma o tom cáustico e amargo que caracterizou o discurso de *A geração da utopia* (1992) e *O desejo de kianda* (1995) e faz uma análise profunda do regime político angolano pós-independência, certamente a mais completa que já fez, sendo que o próprio título já nos remete aos seres que destroem os outros para se alimentarem deles, numa clara alusão a todos aqueles que se corromperam e deram continuidade a um sistema injusto de exploração do povo, pondo por terra o sonho da “comunidade angolana imaginada”, nos termos de Benedict Anderson (2008), pela qual Pepetela tanto lutou e pautou o seu projeto literário, conforme podemos observar numa declaração a Maura Eustáquia de Oliveira:

Criar, através da literatura, insere-se no mito unificador de Angola, no ideal de reunir etnias e ideologias em torno da construção/reconstrução do país, de tal modo que se forme e se configure, de modo indelével, a identidade nacional dessa terra tão rica e formosa... (Pepetela apud Oliveira, 2003, p. 363)

Logo no início do romance, ao utilizar um recurso narrativo característico de algumas de suas obras, a intromissão do autor na narrativa, cortando (e muitas vezes desautorizando) o discurso do narrador, Pepetela já deixa transparecer a fúria de sua crítica política ao utilizar palavras de baixo calão para caracterizar o protagonista da obra e tudo aquilo que ele representa no contexto angolano: “*E desde já previno, este não é um livro policial, embora trate de uns tantos filhos de puta.*” (PEPETELA, 2008, p. 21)

O romance narra a história da ascensão social, econômica e política do empresário Vladimiro Caposso que, ajudado pelo governo do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), torna-se um poderoso empresário angolano. Paralelamente e em contraste com a vida da família burguesa do

empresário e seus aliados políticos e comerciais, desfilam pela obra diversas personagens que vivem à margem desse pequeno universo de luxo e corrupção: o advogado idealista Sebastião, que não se deixa seduzir pelos cantos de sereia das conveniências políticas; a família de Nacib, o menino pobre que vence na vida através da educação e do bom caráter; meninos de rua (Kasseke e Manuel) e mutilados de guerra (Simão Kapiangala). Dessa forma, Pepetela representa na narrativa, através dessas personagens, vários estratos sociais angolanos, contrastando uma minoria exploradora e corrupta a uma grande maioria explorada e honesta.

A obra é estruturada em 20 capítulos nominados em numerais arábicos sequenciais e cobre um período de tempo de 30 anos, que vai de novembro de 1974 a dezembro de 2004. Porém essa sequência não é linear, sendo que o romance se inicia com a abordagem de fatos ocorridos em 1992. Dispondo esses capítulos com uma rubrica que identifica o tempo narrado, como se fosse um diário, o narrador conduz a narrativa intercalando, muitas vezes, capítulos distanciados no tempo um do outro.

Através dessa intercalação de diversos tempos históricos, o narrador constrói a trajetória de Vladimiro Caposso, situando a narração em momentos capitais da vida da personagem em consonância com a história angolana.

O capítulo 1 já nos apresenta Vladimiro Caposso como um conhecido e poderoso empresário angolano ligado ao partido no poder, no momento da abertura política que se esboçou em 1992 com a realização de uma contestada eleição direta. Assim o narrador nos apresenta uma personagem já corrompida moralmente e que pratica um crime, ao assassinar a sangue frio a amante e o homem que estava com ela na cama, enquanto que na rua acontecia uma passeata política por conta da proximidade da eleição:

*O homem de impecável fato azul, que passaremos a chamar Vladimiro Caposso, rodou cuidadosamente a chave na fechadura do apartamento, de modo a não fazer barulho. Mal abriu a porta, ouviu os gemidos de Maria Madalena, a grande cabra, e os urros de gozo do dito Toninho. Não precisava de mais nada para confirmar o que José Matias tinha declarado. /.../
Na rua acontecia uma passeata política, com muitos carros cheios de gente agitando bandeiras rubro-negras, cartazes,*

jovens de camisolas vermelhas e punhos erguidos, gritando slogans e canções políticas. /.../

Caposso apontou com frieza do lado de fora do quarto, retendo a respiração, como aprendera da arte de bem disparar. Esvaziou o carregador da pistola. Os tiros foram bastante abafados pelo barulho atroador da carreata. Entrou no quarto, empurrou com o cano da pistola o corpo do homem morto. Verificou que ela também estava morta, três buracos perto do coração. (Pepetela, 2008, p. 15-16)

Os *flashbacks* explicativos sobre a vida de Caposso só vão aparecer a partir do capítulo 4, situado em novembro de 1974, quando ele era ainda um jovem pobre e sem a ambição que o caracterizaria nas décadas posteriores. Nesse capítulo há uma irônica crítica ao MPLA no comentário do narrador sobre mudança da sede da delegação do partido de um bairro pobre (o Rangel) para um bairro burguês (a Vila Alice), mesmo antes da independência e da subida ao poder, que é extensiva aos desvios de conduta e caráter que a personagem protagonista sofre no decorrer da narrativa até se transformar num empresário corrupto e assassino:

O Rangel devia ser a delegação principal, assim fora decidido e por essa razão ali fizeram o primeiro comício, Lúcio Lara gritando pela Independência Completa e o povo gritando Poder Popular, mas a prática e não a vontade dos homens puxou o centro do poder para o asfalto, deixou o musseque Rangel para delegação secundária e se postou na Vila Alice como sede. Logo então alguns cépticos teimosamente esquerdistas resmungaram, começam a capitular às delícias do capitalismo, Vila Alice é um bairro pequeno-burguês detestado pelas massas populares, esse MPLA nunca fará a revolução proletária. (Pepetela, 2008, p.96)

No capítulo seguinte (5), que marca o início da ascensão de Caposso, quando ele entra para o partido e ganha do patrão português a loja em que trabalhava, aparecem os primeiros sinais de corrupção dentro do governo do MPLA, quando procura os meios legais para regularizar a posse da loja.

O fiscal não pediu nada de presente, apesar de ter sido prolífico em conselhos, afinal. Chegava mesmo a dar a entender que o caso podia ser resolvido por corrupção ou jogo de influências. Caposso não tinha ninguém altamente colocado, o mais graduado conhecido era o coordenador do grupo de acção e esse certamente não chegava lá acima. (Pepetela, 2008, p.146)

A corrupção surge, anos depois, de forma institucionalizada como uma prática comum em Angola, quando o empresário tenta subornar a polícia para tirar da cadeia seu filho Ivan que tinha atropelado Simão Kapiangala, um pobre mutilado de guerra como tantos em Angola, abandonados pelo governo pelo qual tanto lutaram. De forma irônica, o narrador transmite os pensamentos de Caposso, preocupado com o alto preço da corrupção:

Vladimiro Caposso desembolsou a soma exigida. Até perguntou mas isso chega? O advogado não caiu na tentação de dizer, bom, já que insiste passe lá mais um pouco, condescendeu chega mesmo, também não os podemos habituar a demasiado, embora o empresário achasse os hábitos há muito já estavam alterados, o que era preocupante para o futuro. Realmente o perigo não era a corrupção, prática normal e universal, mas sim a ameaçadora corrupção de preços inflacionados pela concorrência, sentença do próprio VC, sempre pronto a debitar filosofias. (Pepetela, 2008, p.247)

No final do romance vamos encontrar um Vladimiro Caposso que perde parte de seus negócios e prestígio social e político em Angola, mas ao fim e ao cabo não tem do que reclamar, pois durante o tempo em que esteve em lua de mel com os detentores do poder juntou muito dinheiro, guardado com toda segurança em bancos suíços.

Dessa forma, ao narrar a história individual de ascensão social e econômica de Vladimiro Caposso, que cresce de forma inversamente proporcional ao seu caráter, cada vez menor, Pepetela está narrando a história da corrupção que se instalou em Angola após a independência, levada a cabo por quem tinha o compromisso de democratizar o país e corrigir as distorções sociais causadas por séculos de exploração colonial.

Assim, neste romance, o autor fecha o seu ciclo de questionamento do poder em Angola, com uma análise fria e sarcástica de um regime político que ele ajudou a implantar, denunciado, através da literatura, as mazelas desse regime e suas implicações sociais. Para os leitores de sua obra, não restam dúvidas de que este romance é uma pá de cal no tão sonhado projeto da nação angolana.

Texto recebido em agosto de 2009.
Aprovado para publicação em outubro de 2009.

SOBRE O AUTOR:

Donizeth Aparecido dos Santos é Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina e atualmente cursa doutorado em Letras na Universidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OLIVEIRA, Maura Eustáquia de. "Pepetela: humor e sonho na vida de um contador de histórias". In. LEÃO, Ângela Vaz. **Contatos e ressonâncias:** literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUCMinas, 2003, p. 363-372.

PEPETELA. **A geração da utopia.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. **Jaime Bunda, agente secreto.** Lisboa: Dom Quixote, 2001.

_____. **Jaime Bunda, e a morte do americano.** Lisboa: Dom Quixote, 2003.

_____. **O desejo de Kianda.** Lisboa: Dom Quixote, 1995.

_____. **O terrorista de Berkeley, Califórnia.** Lisboa: Dom Quixote, 2007.

_____. **Predadores.** Lisboa: Dom Quixote, 2005.

_____. **Predadores.** Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.

_____. **O quase fim do mundo.** Lisboa: Dom Quixote, 2008.